

A VISITA DO SR. KRUSCHEV

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Sinceramente, na maior paz de espírito e com a maior isenção de ânimo, não consigo me entusiasmar com o foguete que os russos dizem ter atirado à Lua e que todos, inclusive o senador Sergio Marinho, da bancada do Rio Grande do Norte, passaram a considerar como um acontecimento decisivo para a humanidade em geral e para o Brasil em particular. O mérito que não posso negar aos russos é o da técnica publicitária. Eles conhecem bem a fraqueza do Ocidente, a chaga do culto do sucesso, a mania publicitária, o afan de estar na ordem do dia, e é por essa brecha de nossa civilização que penetram os teleguiados psicológicos, os invisíveis foguetes que abalam as almas, que deixam o papavo boquiaberto e dócil para qualquer colaboração. Vejo o acontecimento pelo lado do susto e não, como o ilustre senador potiguara, pelo lado dos rumos novos que o foguete na Lua vem despertar para o Brasil. Observe-se de passagem que os rumos do Brasil se tornam a cada dia mais bizarros. Para melhorar a vida de 80% da população que mora numa orla litorânea não integrada, e que aí padece fome e sede, o governo achou que devia construir uns palácios desenhados pelo senhor Niemeyer a mil e duzentos quilômetros de distância de todos os pontos habitados do Brasil. Dizem que assim imprimirão à história do Brasil novos rumos. Agora é na Lua, a trezentos e oitenta e quatro mil quilômetros, que estão os referidos novos rumos do Brasil.

Reputo falsa a comparação entre esse expansionismo planetário e as grandes descobertas da Renascença. Enquanto os navegantes como Colombo e Vasco da Gama descobriram o mundo, a terra dos homens, esses de hoje procuram uma mágica, uma escamoteação, um truque que desvie a atenção do respeitável público para o problema do homem.

E' incrível o primarismo que vê nesses feitos de balística uma prova do "progresso" do "adiantamento" e da "superioridade" dos

russos! Permitindo-me parodiar um grande discurso de São Paulo Apóstolo, eu diria que não tomaria como prova de bondade do regime o progresso real que eles apresentassem em todos os ramos da ciência, e não somente numa técnica especializada. Ainda que eles estivessem em primeiro lugar na eletrônica, na matemática, na astronomia, na botânica, ainda que eles apresentassem ao mundo os melhores bailarinos, os melhores violinistas, os melhores flautistas, o campeão de estenografia e o campeão de box, eu continuaria a dizer que não bastam esses títulos para provar que um regime político é bom. Bem sei que tenho certa dificuldade de transmitir essa idéia, porque, como já assinaiei, um dos pontos fracos de nossa cultura reside precisamente na incapacidade de focalizar o que é realmente primordial para o homem, e o que é secundário, e na incapacidade ainda mais acentuada de aquilatar uma cultura e uma civilização em termos de bem comum humano.

Para a maioria das pessoas o regime soviético "deu certo" e apresenta ao mundo as provas de seu sucesso. Na minha opinião nunca esteve tão errada a Rússia como nesses dias em que trocou a Lua pelos últimos vestígios de humanismo que o marxismo ainda conservava. Nada no mundo falhou tão colossalmente como a União Soviética. Falhou. Não atingiu nenhum dos objetivos procurados. Mas atingiu a Lua. Não conseguiu se impôr ao mundo como nação aberta, leal, pronta e feliz em apresentar aos olhos estrangeiros um povo feliz. Mas tornou-se forte. Tornou-se perigosa. E é nesse fato, nesse perigo, nessa força que reside o objeto de admiração diante do qual o ocidente se inclina!

Já me passou pela idéia sair por aí perguntando às pessoas, numa estatística de improviso, se desejavam que o Brasil se tornasse o que a Rússia é hoje em dia. Aposto que forte maioria de patriotas seria capaz de pronunciar-se a favor desse sinistro augúrio. Por mim não hesito em dizer que prefiro o fim do mundo ou o fim do nosso mundo a esse ideal que me ofende por todos os lados, que me injúria por todos os valores, que esteriliza todos os germes de uma esperança num mundo melhor.

Veja o leitor nestas linhas mal traçadas uma espécie de luto do estilo, luto da língua e do coração. E' o que posso fazer numa hora em que os jornalistas descrevem com veneração todos os gestos do sr. Nikita Krushev. Tirou o chapéu. Botou o chapéu. Coçou o nariz. Sorriu. Tornou a botar o chapéu. Está vestido de côr escura com gravata clara. Recebeu flores no aeroporto. Flores. Flores do campo, flores dos jardins para o grande estadista! Dizem os entendidos que o papel da imprensa é este e que eu, se quero pertencer a esse mundo — o da imprensa é o maior — devo conformar-me com os hábitos da casa.

Recebi a carta de um amigo cansado. Cansado na alma e no coração. Diz que queria dormir duzentos dias, ou duzentos meses. E depois pergunta: para quê acordar? Certos espetáculos, como esse da visita do sr. Krushev aos Estados Unidos, põem na alma um grande cansaço. Sim, um enorme, imenso cansaço...